

Bonn

"Die WELT"

24/5/79

Tradução sem original
por o mesmo se apresenta
ilegível.

T R A D U Ç Ã O

A Senhora Primeiro-Ministro encoraja os portugueses a colaborar

"Não acredito que os portugueses não confiem na sua Democracia ou a considerem incapaz de funcionar. A verdade é que as nossas instituições funcionam. O problema é, pelo contrário, que eles reagem demasiadas vezes e demasiado depressa", disse a Primeiro-Ministro Maria de Lourdes Pintasilgo numa conversa com DIE WELT. Respondia assim à questão do interesse cada vez menor dos portugueses pela política em consequência de mudanças de governo demasiado frequentes.

A senhora Pintasilgo, nomeada primeiro-ministro pelo Presidente Eanes, considera com entusiasmo e bastante realismo sua principal tarefa "motivar de novo", até às eleições intercalares em fins de Novembro, o interesse da Nação pela política. Para esse fim possui já um plano determinado: Em fins da próxima semana, depois de votada uma série de questões financeiras, o parlamento será dissolvido; 90 dias depois, as eleições terão que estar organizadas."

Os seus compatriotas começam já a queixar-se: Pouco depois das "eleições intercalares" para o Parlamento, é a vez das eleições municipais. Em meados de 1980 seguem-se então as eleições parlamentares prescritas na Constituição e em 1981 será eleito o Presidente da República. "Não há dúvida que é um bocadinho de mais".

A quinta chefe de governo do primeiro período legislativo admite que muitos portugueses estão cansados de instabilidade. "Mas precisamente por isso necessitam ser incentivados" diz a sorrir, e relembra que "os eleitores nas primeiras eleições depois da REvolução



de Abril de 1974, demonstraram através duma participação exemplar um elevado grau de responsabilidade democrática."

A tarefa principal do seu governo é a "descentralização da nossa grande e lenta administração!" Maria de Lourdes Pintasilgo quer entusiasmar o cidadão a colaborar e levá-lo a participar activamente nas decisões. Isso deverá começar nos municípios, na administração distrital e provincial até à política nacional. Realmente, um programa em cheio para esta senhora de cabelos escuros e pequena estatura.

Maria de Lourdes Pintasilgo conhece perfeitamente o receio da responsabilidade dos que estão "em baixo", em face das constantes alterações "em cima". "Isso para mim significa - e porque não hei-de confessá-lo - que o meu governo tem uma função pedagógica, também em relação ao aparelho do Estado. Não faz ideia o que eu encontrei, já agora, em cima da minha secretária - coisas que terão que ser resolvidas por um funcionário superior e que eu, por isso mesmo, já lhe devolvi." A Senhora Pintasilgo quer reanimar a Democracia, começando por baixo - através de associações profissionais, cooperativas, sindicatos e juntas de freguesia.

No entanto, prevê-se desde já que das eleições intercalares não resultarão maiorias claras. A instabilidade, que levou o General Eanes a substituir o governo do socialista Soares por governos próprios e independentes e a dissolver o Parlamento, continua a existir. Maria de Lourdes Pintasilgo diz a esse respeito: "É possível que a imagem exterior continue a ser a mesma após as eleições; mas certamente que aparecerão novos elementos."

Sobretudo: o presidente conformar-se-á desta ^{vez} com os resultados das eleições, desistindo das "maiorias estáveis" que sempre defendeu. Os partidos terão, então, que encontrar um caminho.



Maria de Lourdes Pintasilgo é politicamente independente e classifica-se a si própria de "católica progressista". Pertence ao movimento católico feminino Gral e situa-se, portanto, mais próxima da esquerda do que da direita.

O "compromisso histórico", ambicionado pelos comunistas italianos não é possível, na sua opinião, de aplicar em Portugal. "A situação italiana é totalmente diferente, e diferentes são o fundamento histórico, o temperamento e a maneira de viver dos portugueses. Além disso, os cristãos-democratas portugueses declararam já que nunca se sentariam à mesma mesa com os comunistas."

O facto de a chefe do governo português ter feito as suas primeiras experiências profissionais como engenheira, na política económica, facilita-lhe uma opinião bem clara sobre o desenvolvimento industrial do país. Para Primeiro-Ministro não é de primordial importância a supressão do deficit da balança de pagamentos. Maria de Lourdes Pintasilgo concede prioridade a um desenvolvimento económico a médio prazo. "O que falta é uma linha de princípios para a nossa política industrial, a escolha entre indústria pesada e ligeira."

No passado, Portugal não resistiu à tentação de produzir indiscriminadamente, o que se produzia noutros países. "A tarefa do meu governo e dos que se lhe seguirão será portanto concentrar-nos nas necessidades do mercado interno e na colaboração com a CE, investigando: o que precisamos da Europa, o que a Europa precisa de nós?"

Neste contexto, Maria de Lourdes Pintasilgo tem intenção de incitar a economia privada do país e do estrangeiro a fazer investimentos e de tornar competitiva a indústria nacionalizada.



Primeiro-Ministro falou também abertamente sobre a Reforma Agrária: "Nossos chefes políticos debruçaram-se muito intensamente sobre este tema. Na realidade, apenas um quinto da nossa produção provém da agricultura, a qual cobre apenas 40 por cento da nossa procura. O problema da nossa agricultura é muito mais complexo. Quando soubermos o que queremos cultivar, então teremos que incitar a população rural, sobretudo os pobres camponeses do Norte, a colaborar dentro de cooperativas. Uma vaca e meia para cada família de camponeses é realmente muito pouco."

(Artigo publica em DIE WELT de 24 de Agosto de 1979, da autoria de Rolf Görtz, correspondente em Lisboa)

Fundação Cuidar o Futuro

